



A moda brilhante e sofisticada para comemorar o reveillon. Pág. 8

Empresas se ajustam ao novo Código de defesa do consumidor. Página 7

Endereços de lojas que funcionam 24 horas durante o Natal. Página 7

Sérgio Camargo ☆ 1930 † 1990

# Uma poética da luminosidade

Adriana Lorete — 16/10/90



Sérgio Camargo deixa obra reconhecida internacionalmente

Sérgio Camargo deixa uma obra marcada pela revelação da luz

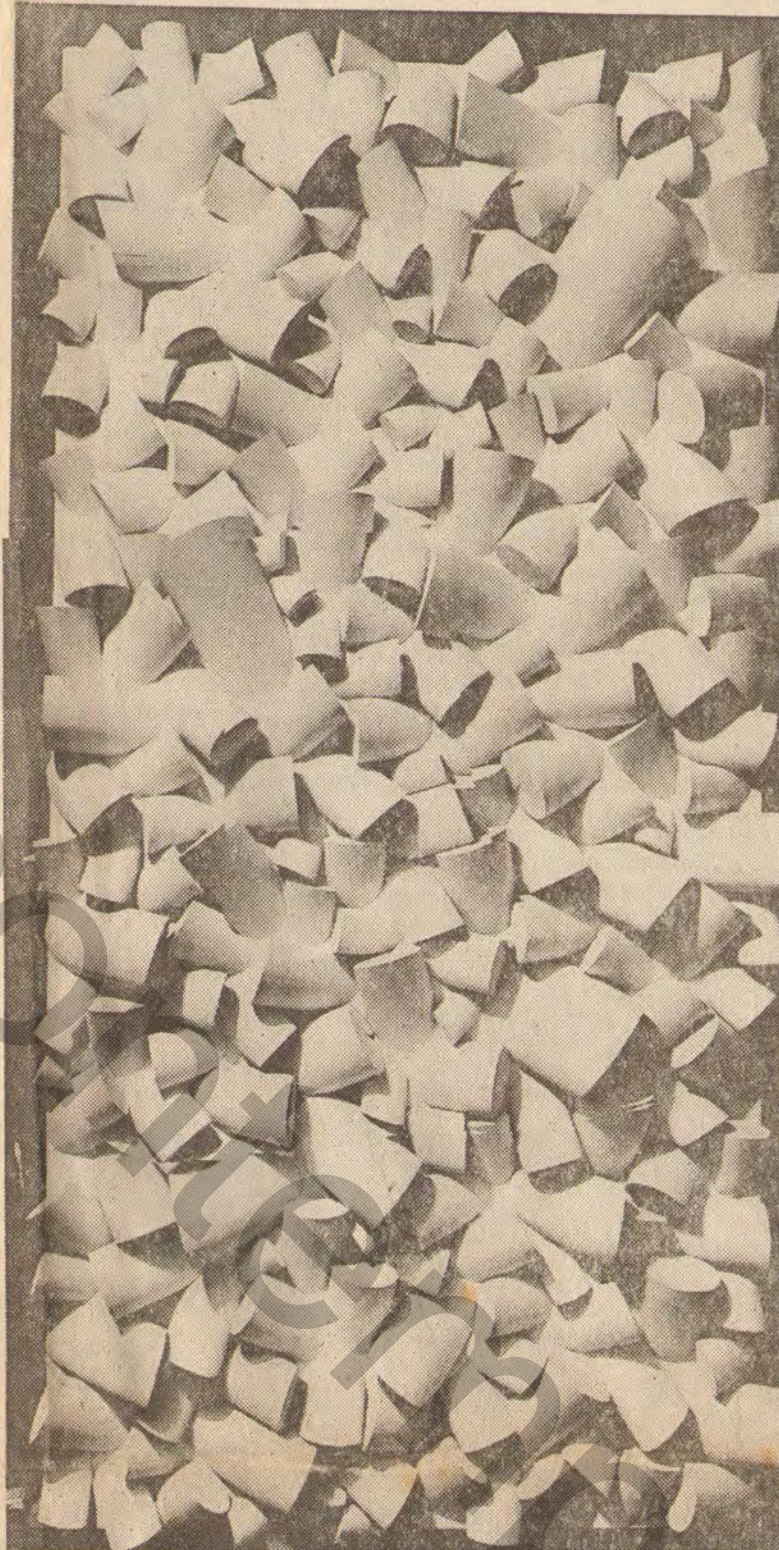
WILSON COUTINHO

O escultor carioca Sérgio Camargo morreu, ontem, de parada cardíaca, e foi velado no Paço Imperial, lugar onde realizara as suas últimas exposições. Hoje será enterrado, às 10h, no Cemitério São João Batista. Há muito tempo que estava doente, e era amparado psicologicamente por um grupo de amigos, principalmente pelo crítico Ronaldo Brito, que este ano escreveu um monumental livro sobre o artista.

Sérgio Camargo era um dos melhores escultores brasileiros, cujas peças em mármore branco e negro destacavam-se pela clareza límpida de raciocínio e pelo sofisticamento de suas formas simples. Ao mesmo tempo, as peças iluminavam uma poética que só pertencia ao escultor: a luz, o movimento ou quando realizara os seus relevos os modulamentos que captavam sombra e luz, de maneira delicada, sem os bombardeamentos óticos que caracterizaram parte do cinetismo, como foi o caso da obra do francês Vasarely, artista que Camargo conheceu em Paris, e que passara a deplorar as vertiginosas e confusas tramas óticas de seus últimos trabalhos.

Ele tinha, é verdade, um excelente radar crítico. Percebia rapidamente onde um artista estava acertando ou o momento que decaía. Assim, conversar com ele poderia ser uma boa lição para entender a arte contemporânea. Para aqueles que não o compreendiam era escandaloso escutar que para Camargo o francês Léger era um mau pintor; ele ressaltava, porém, que Léger era um grande artista porque possuía uma poética. Havia muitos pintores que não tinham nem uma nem outra coisa. Ele era visto como extremamente elitista em seu gosto, porque o debate da sua obra parecia estar fora — e com os grandes: o romeno Brancusi, o holandês Vantongerloo ou venezuelano Jesus-Rafael Soto.

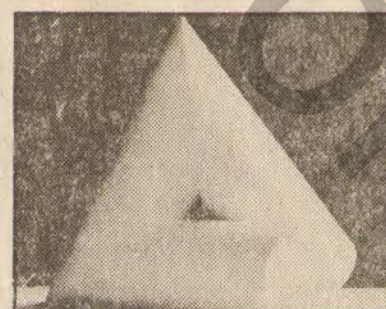
Mas havia pouco dogmatismo em sua posição. Ele admirava um artista primitivo acreano Hélio Melo, que capta a luz filtrada da floresta amazônica, usando como



Nos anos 60, o escultor mostrou fase geométrica

cor apenas raízes de plantas, e fez o que pôde para que o artista fosse reconhecido. É que havia algo sagrado para Camargo: a arte, e esta implicava em invenção sem se importar se o artista fosse erudito ou popular.

Invenção que conseguiu em sua obra, utilizando de meios simples, matemáticos — um método que era um ovo de Colombo, capaz de criar as mais arrojadas,



Escultura dos anos 80

inesperadas formas, feitas de cilindros, cubos e pirâmides. O seu primeiro e grande "invento" foram os relevos, da década de 60, feitos em madeira pintada de branco, quando desejava anular a matéria para que só a estrutura revelasse a luz. Quando quis fazer obras maiores é que passou para o mármore de Carrara, que ele, para não trair sua poética, não o fazia polido, mas opaco para absorver a luz e não refleti-la.

Em 1974, ele inverteu a sua proposta, depois que um amigo encomendou um jogo de xadrez. As peças negras foram feitas de carvão da Bélgica, que acabou usando em suas esculturas, usando o processo ao contrário. O preto, segundo o artista, em vez de expandir, recolhe a luz. Camargo desejava que elas refletissem um pouco de luminosidade e passou a fazê-las polidas, senão elas ficavam "tristes, apagadas."

Não é erro dizer que Camargo deixa uma obra luminosa em todos os sentidos. Numa época em que se ousou fazer esculturas, que eram marcadamente feitas com formas escandalosas, Camargo realizou uma obra recatada, quase estoica. O seu tema e seu material pareciam levar a reminiscências clássicas: luz e mármore. "Ele é um clássico na sua captação do claro e do escuro. Mas é moderníssimo na sua criação", costumava dizer o amigo e excelente escultor Amílcar de Castro.

Não era bem uma contradição. O seu principal crítico, Ronaldo Brito, percebia como Camargo movia-se em uma tensão criativa excepcional. Usando o mármore, o velho material desprezado por inúmeros modernistas, Camargo parecia recuar, mas ao fazer sua obra, baseado na lógica industrial da série, ele estava no centro da concepção contemporânea de arte. E nesse jogo, Camargo arriscava ainda: a sua obra era bela.

Sem nunca ter estudado alguma coisa, além de percorrer em Paris os ateliês de Brancusi e de Arp, autor de murais gigantescos como o do Ministério das Relações Exteriores, ou peças pequenas que são verdadeiros epigramas inteligentes com o mármore, construindo formas sensuais ou às esticando como se fizesse anamorfoses, Camargo não só captou a luz em seus trabalhos. Ele iluminou o mármore.